

FORMAÇÃO TÉCNICA EM ENFERMAGEM: REFLEXÕES SOBRE CURRÍCULO, ESTÁGIO SUPERVISIONADO E IDENTIDADE PROFISSIONAL

TECHNICAL NURSING EDUCATION: REFLECTIONS ON CURRICULUM, SUPERVISED
PRACTICE AND PROFESSIONAL IDENTITY

FORMACION TÉCNICA EN ENFERMEIRA: REFLEXIONES SOBRE CURRÍCULO.
PRÁCTICAS E IDENTIDAD PROFESIONAL

Cristina Maria Soares Ramos¹

Simone Braz Ferreira Gontijo²

Débora Leite Silvano³

RESUMO: Este artigo analisa a construção da identidade profissional do técnico em enfermagem a partir de seu processo formativo, com ênfase nas relações entre currículo e estágio supervisionado. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de caráter exploratório e analítico-reflexivo, complementada por análise documental normativa. O levantamento bibliográfico foi realizado nas bases SciELO, Periódicos CAPES e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), com apoio do Google Acadêmico, abrangendo o período de 1999 a 2024, resultando na seleção de 25 estudos. Também foram analisados documentos normativos do Ministério da Educação e do Conselho Federal de Enfermagem. A análise do material permitiu a identificação de três eixos temáticos: formação técnica e estágio supervisionado; currículo, poder e formação crítica; e estágio como espaço de práxis. Os resultados evidenciam a permanência de elementos tecnicistas na formação, marcada pela fragmentação entre teoria e prática e pela centralidade do treinamento procedimental. Por outro lado, o estágio supervisionado é reconhecido como espaço privilegiado de construção da identidade profissional, ao articular formação, trabalho e reflexão crítica. Conclui-se que o fortalecimento de uma identidade profissional crítica depende da integração entre currículo e estágio supervisionado, orientada por uma perspectiva formativa que valorize o trabalho como princípio educativo.

Palavras-chave: Identidade profissional. Estágio supervisionado. Currículo

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), Instituto Federal de Brasília (IFB), Brasil.

²Professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), Instituto Federal de Brasília (IFB), Brasil.

³Professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), Instituto Federal de Brasília (IFB), Brasil.

ABSTRACT: This article analyzes the construction of professional identity among nursing technicians based on their educational process, with emphasis on the relationship between curriculum and supervised practice. It is a narrative literature review with an exploratory and analytical-reflective approach, complemented by normative document analysis. The bibliographic search was conducted in SciELO, CAPES Journals, and the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), with support from Google Scholar, covering the period from 1999 to 2024, resulting in the selection of 25 studies. Normative documents from the Ministry of Education and the Federal Nursing Council were also analyzed. The analysis identified three thematic axes: technical nursing education and supervised practice; curriculum, power, and critical education; and supervised practice as a space of praxis. The findings reveal the persistence of technicist elements in nursing technician education, characterized by the fragmentation between theory and practice and the centrality of procedural training. Conversely, supervised practice is recognized as a privileged space for the construction of professional identity, as it integrates education, work, and critical reflection. It is concluded that the strengthening of a critical professional identity depends on the integration between curriculum and supervised practice, guided by an educational perspective that values work as an educational principle.

Keywords: Professional identity. Supervised practice. Curriculum

RESUMEN: Este artículo analiza la construcción de la identidad profesional del técnico en enfermería a partir de su proceso formativo, con énfasis en las relaciones entre el currículo y las prácticas supervisadas. Se trata de una revisión narrativa de la literatura, de carácter exploratorio y analítico-reflexivo, complementada con análisis documental normativo. La búsqueda bibliográfica se realizó en las bases SciELO, Periódicos CAPES y la Biblioteca Digital Brasileña de Tesis y Disertaciones (BDTD), con apoyo de Google Académico, abarcando el período de 1999 a 2024, lo que resultó en la selección de 25 estudios. También se analizaron documentos normativos del Ministerio de Educación y del Consejo Federal de Enfermería. El análisis permitió identificar tres ejes temáticos: formación técnica y prácticas supervisadas; currículo, poder y formación crítica; y prácticas supervisadas como espacio de praxis. Los resultados evidencian la permanencia de elementos tecnicistas en la formación del técnico en enfermería, marcada por la fragmentación entre teoría y práctica y la centralidad del entrenamiento procedimental. Por otro lado, las prácticas supervisadas son reconocidas como un espacio privilegiado para la construcción de la identidad profesional, al articular formación, trabajo y reflexión crítica. Se concluye que el fortalecimiento de una identidad profesional crítica depende de la integración entre currículo y prácticas supervisadas, orientada por una perspectiva formativa que valore el trabajo como principio educativo.

Palabras clave: Identidad profesional. Prácticas supervisadas. Currículo.

INTRODUÇÃO

A organização do trabalho na área da saúde é marcada por uma divisão técnica e social histórica e complexa. No campo da enfermagem, essa divisão divide as atribuições de cuidado e de gerência entre o enfermeiro (profissional de nível superior) e o técnico em enfermagem (profissional de nível médio/técnico). Como evidencia Pires D (2009), essa divisão técnica

contribui para a manutenção de relações hierarquizadas, nas quais as funções de coordenação ficam no nível superior e as atividades parcelares do cuidado são delegadas ao nível médio, reproduzindo uma lógica taylorista de fragmentação do trabalho. Embora o enfermeiro exerça um papel gerencial, este artigo foca exclusivamente no Técnico em Enfermagem, profissional que, apesar de constituir a maioria numérica (COFEN, 2026), ainda é submetido a uma formação de predominância técnico-instrumental.

Nesse cenário, este artigo tem como foco a análise da construção da identidade profissional do técnico em enfermagem a partir de seu processo formativo, com ênfase na articulação entre o currículo do curso e o estágio supervisionado, buscando compreender como esses elementos se inter-relacionam na constituição do “ser técnico”.

A construção da identidade profissional ocorre ao longo das experiências formativas vivenciadas pelos estudantes, especialmente no estágio supervisionado, espaço no qual se produzem valores, concepções de cuidado e posturas profissionais. Conforme aponta Porto IS (2006), a identidade profissional é produzida nas relações sociais e pedagógicas vivenciadas ao longo da formação, transformando o estágio em um espaço privilegiado de socialização, no qual os estudantes constroem e ressignificam o “ser técnico”.

Segundo Afonso SR e Carvalho MLM (2023), essa identidade não se constitui de forma 3
fixa ou natural, mas como um processo dinâmico, social e historicamente construído nas relações estabelecidas com docentes, colegas, pacientes e instituições formativas, evidenciando o papel central dos atores do estágio como referências simbólicas na formação profissional.

Entretanto, observa-se que, historicamente, a formação técnica em enfermagem tem sido balizada por perspectivas tecnicistas centradas na execução repetitiva de procedimentos e na rápida preparação de mão de obra para atender às demandas do mercado de trabalho.

Nesse contexto, apesar do reconhecimento do estágio supervisionado como espaço formativo central na formação técnica em enfermagem, ainda há uma lacuna de estudos que analisem o percurso curricular do estágio como processo formativo contínuo e suas contribuições para a construção da identidade profissional crítica do técnico em enfermagem, especialmente no que se refere às vivências e práticas pedagógicas desenvolvidas ao longo desse percurso.

Em contraposição a essa visão instrumental, Pimenta SG e Lima MSL (2006) defendem que o estágio deve ser compreendido como um espaço de articulação crítica entre teoria e prática, em consonância com o conceito de práxis freiriana.

Essa perspectiva dialoga com Saviani D (2011), ao compreender o trabalho como princípio educativo, articulando a formação profissional à dimensão crítica, humana e social dos sujeitos, o que tensiona as limitações da formação tecnicista predominante.

Diante dessas reflexões, emerge a seguinte questão de pesquisa: De que maneira as discussões presentes na literatura acerca das relações entre currículo e estágio supervisionado contribuem para compreender o processo de construção da identidade profissional do técnico em enfermagem sob uma perspectiva crítica?

Para responder a essa indagação, este artigo tem por objetivo discutir a construção da identidade profissional do técnico em enfermagem a partir das contribuições teóricas presentes na literatura sobre currículo e estágio supervisionado, considerando suas possibilidades e limites na formação de uma identidade profissional crítica.

MÉTODOS

Este estudo caracteriza-se como uma revisão narrativa da literatura, conduzida por meio de procedimentos sistematizados de busca e seleção dos estudos, associada à análise documental normativa, de natureza exploratória e analítico-reflexiva, fundamentado em levantamento bibliográfico e pesquisa documental. A opção pelo modelo discursivo-analítico justifica-se pela necessidade de articular produções acadêmicas e documentos normativos para compreender aspectos relacionados à formação técnica em enfermagem, ao estágio supervisionado e à construção da identidade profissional.

A análise do material fundamentou-se em uma perspectiva crítico-dialética, com o objetivo de compreender as contradições históricas, curriculares e formativas presentes na constituição da formação técnica em enfermagem, especialmente no estágio supervisionado.

O percurso metodológico estruturou-se em duas vertentes de constituição do corpus analítico:

1. Revisão Bibliográfica: Realizou-se levantamento bibliográfico nas bases SciELO, Periódicos CAPES e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando o Google Acadêmico como ferramenta complementar para rastreamento das produções. Foram cruzados, de forma combinada, os descritores identidade profissional, estágio supervisionado e currículo. Embora amplo, o descritor currículo foi incluído por possibilitar a identificação de estudos relacionados aos fundamentos e à organização curricular da formação técnica em enfermagem. O recorte temporal compreendeu o período de 1999 a 2024, delimitado a partir da

publicação da Resolução CNE/CEB nº 04/1999, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico.

2. Pesquisa Documental Normativa: Foram coletados documentos normativos disponíveis nos portais oficiais do Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação (MEC/CNE) e do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), incluindo legislações, diretrizes curriculares e dados estatísticos relacionados à formação técnica em enfermagem. A análise documental concentrou-se nas legislações da educação nacional, nas diretrizes da Educação Profissional e Tecnológica e nos regramentos da formação técnica em enfermagem, bem como em dados estatísticos do COFEN (2026) utilizados para contextualizar a força de trabalho da enfermagem no Distrito Federal.

Na vertente bibliográfica, a seleção dos estudos ocorreu em três etapas: triagem por títulos, leitura dos resumos e análise integral dos textos completos, resultando na inclusão de 25 estudos diretamente relacionados aos objetivos da pesquisa. Foram consideradas produções publicadas em português, disponíveis integralmente e voltadas às discussões sobre currículo, formação técnica em enfermagem, estágio supervisionado e identidade profissional na enfermagem.

Considerando a escassez de estudos específicos sobre a identidade profissional do técnico em enfermagem, foram incorporadas à análise produções voltadas à identidade profissional na enfermagem de modo mais amplo, bem como pesquisas relacionadas às dimensões curriculares e formativas da Educação Profissional e Tecnológica, possibilitando a transposição crítica dessas discussões para a realidade da formação técnica de nível médio.

A análise dos 25 estudos permitiu a identificação de três categorias temáticas recorrentes: (1) formação técnica em enfermagem e estágio supervisionado; (2) currículo, poder e formação crítica; e (3) estágio supervisionado como espaço de práxis. A partir dessas categorias, os estudos foram agrupados conforme sua contribuição predominante para cada eixo temático, possibilitando estabelecer relações entre os achados da literatura e os pressupostos teóricos que fundamentam a discussão sobre identidade profissional, currículo e estágio supervisionado.

Dos 25 estudos selecionados, observou-se predominância de produções relacionadas à formação profissional e à identidade na enfermagem, seguidas por estudos voltados ao currículo da educação profissional e às experiências formativas no estágio supervisionado. A análise desse corpus evidenciou convergências temáticas que sustentaram a construção dos três eixos analíticos discutidos a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados apresentados neste artigo correspondem à síntese e à análise crítica do corpus bibliográfico-documental constituído durante o levantamento teórico, não envolvendo coleta de dados empíricos em campo.

Tabela 1 – Síntese dos estudos científicos selecionados.

Autor/Ano	Título	Tipo de estudo	Principais contribuições	Eixo temático
1. Adamy EK (2023)	Panorama nacional da formação em enfermagem	Artigo	Apresenta debates contemporâneos sobre a formação em enfermagem e seus desafios curriculares.	Currículo, poder e formação crítica
2. Afonso, SR; Carvalho, MLM (2020)	Estudo sobre currículo de enfermagem na educação profissional	Artigo	Identifica lacunas nas pesquisas sobre currículo na educação técnica em enfermagem.	Currículo, poder e formação crítica
3. Azevedo ROM, Oliveira ES e Pantoja AMS (2019)	A superação do tecnicismo em uma perspectiva de formação humana integral na educação profissional e tecnológica	Artigo	Problematiza as perspectivas tecnicistas e defende uma formação crítica e integral na educação profissional.	Currículo, poder e formação crítica
4. Fioramonte GLN, Pinto AAM e Marin MJS (2023)	Percepção de egressos sobre a formação do técnico de enfermagem	Artigo	Evidencia as percepções dos egressos sobre a formação profissional e os desafios do processo formativo.	Currículo, poder e formação crítica
5. Galleguillos TG e Oliveira MA (2021)	Identidade profissional e sofrimento no trabalho da enfermagem: uma reflexão necessária	Artigo	Relaciona a identidade profissional, a subjetividade e o sofrimento no trabalho de enfermagem.	Currículo, poder e formação crítica
6. Leone NM e Leite YUF (2011)	O início da carreira docente	Artigo	Discute os processos formativos e os desafios da construção da identidade docente.	Formação técnica e estágio supervisionado
7. Lima, I. N. (2023)	Modalidades do currículo: currículo formal x currículo real – concepções e características em sua construção	Artigo	Contribui para a compreensão das diferenças entre o currículo prescrito e o currículo vivenciado.	Currículo, poder e formação crítica
8. Lopes MJM e Leal SMC, (2005)	A feminização persistente na qualificação da enfermagem brasileira	Artigo	Discute o gênero e a identidade profissional na constituição histórica da enfermagem.	Formação técnica e o estágio supervisionado

9.Machado (1999)	MC	Trabalho e educação profissional: as contradições do modelo atual	Artigo	Problematiza as relações entre trabalho, formação profissional e tecnicismo.	Currículo, poder e formação crítica
10.Menegarde Rodrigues Conterno (2024)	M, RM e SFR	Avaliação da formação no curso técnico em enfermagem: a percepção dos discentes	Artigo	Aponta os limites e as potencialidades da formação técnica em enfermagem.	Currículo, poder e formação crítica
11.Moraes (2020)	RS	A formação profissional do enfermeiro docente	Artigo	Relaciona a prática pedagógica à formação docente na enfermagem.	Formação técnica e estágio supervisionado
12.Oguisso Freitas (2016)	T e GF	Cuidado: essência da identidade profissional	Artigo	Relaciona o cuidado e a construção da identidade profissional na enfermagem.	Formação técnica e estágio supervisionado
13.Oliveira (2006)	BGRB	A passagem pelos espelhos	Artigo	Discute processos identitários e simbólicos na formação profissional.	Estágio supervisionado como espaço de práxis
14.Pimenta Lima (2006)	SG e MSL	Estágio e docência: diferentes concepções	Artigo	Compreende o estágio como um espaço formativo crítico e reflexivo.	Estágio supervisionado como espaço de práxis
15.Pires (2009)	D	A enfermagem enquanto disciplina, profissão e trabalho	Artigo	Analisa os fundamentos históricos e sociais da profissão de enfermagem.	Currículo, poder e formação crítica
16.Porto (2004)	IS	Identidade da enfermagem	Artigo	Evidencia identidade profissional como construção histórica e social.	Estágio supervisionado como espaço de práxis
17.Salustiano (2013)	CF	As diretrizes curriculares nacionais e a divisão técnica e social do trabalho em enfermagem	Dissertação	Discute currículo, trabalho e formação crítica em enfermagem.	Currículo, poder e formação crítica
18.Sanino (2012)	GEC	O uso da simulação em enfermagem no curso técnico de enfermagem	Artigo	Evidencia potencialidades da simulação no processo ensino-aprendizagem da enfermagem.	Formação técnica e estágio supervisionado
19.SANT'ANNA IM, et al. (2007)		A influência das políticas de educação e de saúde nos currículos dos cursos de educação profissional técnica de nível médio em enfermagem	Artigo	Relaciona políticas públicas, currículo e formação profissional.	Formação técnica e estágio supervisionado
20.Santos (2005)	EF	A enfermagem no espelho: suas concepções sobre a profissão, a formação, a prática profissional e as especialidades	Tese	Discute elementos simbólicos e formativos relacionados à identidade profissional.	Estágio supervisionado como espaço de práxis

21.Santos Oliveira e Watanabe M (2022)	LSC, BKF e	Wanda de Aguiar Horta: revisão histórica e influência científica no período de consolidação da enfermagem como ciência no Brasil, 1960 a 1999	Artigo	Destaca as contribuições históricas e científicas à identidade da enfermagem.	Formação técnica e estágio supervisionado
22.Santos (2021)	ÚPP et al.	Um repensar sobre a formação do técnico de enfermagem	Artigo	Problematiza os desafios da formação técnica e a necessidade de uma formação crítica.	Currículo, poder e formação crítica
23.Schiavon e Silvestre (2021)	ICA e KVT	Panorama atual da matriz curricular dos cursos técnicos de enfermagem da rede federal de educação	Artigo	Relaciona o currículo técnico às diretrizes da educação profissional.	Formação técnica e estágio supervisionado
24.Serra MN (2008).		Aprender a ser enfermeiro: identidade profissional em estudantes de enfermagem	Artigo	Discute a construção da identidade profissional e os processos de socialização vivenciados por estudantes de enfermagem durante a formação.	Formação técnica e estágio supervisionado
25.Souza R M (2006)		As competências na educação profissional	Dissertação	Problematiza as perspectivas tecnicistas na formação profissional.	Estágio supervisionado como espaço de práxis

Fonte: RAMOS, et al., 2026

1. Formação técnica em enfermagem e o estágio supervisionado

A formação do técnico em enfermagem constitui um processo complexo e de grande relevância, especialmente diante da expressiva inserção desses profissionais nos serviços de saúde do Distrito Federal.

Dados do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN, 2026) indicam que o Distrito Federal conta com 71.193 profissionais de enfermagem, sendo 24.998 enfermeiros, 43.626 técnicos em enfermagem e 2.569 auxiliares de enfermagem. A utilização dos dados do Distrito Federal (DF) possui caráter contextualizador, sendo empregada para evidenciar a representatividade numérica dos técnicos em enfermagem na força de trabalho da saúde do DF. Não se trata de um recorte geográfico da pesquisa, que mantém escopo teórico-documental de abrangência nacional.

Esse quantitativo demonstra que os técnicos representam a maior parcela da força de trabalho da enfermagem, atuando em diferentes níveis de atenção à saúde e contribuindo para a implementação das políticas públicas de saúde, desde a promoção até a reabilitação, o que

evidencia sua centralidade numérica no sistema, embora essa centralidade não se traduza, necessariamente, em valorização profissional proporcional.

O técnico em enfermagem atua em articulação estreita com o enfermeiro na organização e na execução da assistência de enfermagem, o que reforça a importância de analisar criticamente sua formação a partir das práticas pedagógicas e das vivências formativas, especialmente no estágio supervisionado.

Nessa perspectiva, Santos LSC et al. (2022) compreendem a enfermagem como ciência e prática educativa do cuidado humano. Tal compreensão amplia a formação técnica para além da execução mecânica de procedimentos. Os autores destacam ainda que o técnico em enfermagem é parte integrante da equipe de saúde e atua diretamente na manutenção do equilíbrio do cuidado prático, necessitando de bases que superem a mera reprodução instrumental.

No campo teórico, Sanino GEC (2012) aponta que o currículo da formação técnica em enfermagem muitas vezes se aproxima das tendências pedagógicas observadas na formação em nível superior. O desenho curricular constitui-se como elemento orientador da seleção de conteúdos e do processo ensino-aprendizagem, organizando um percurso formativo que contempla conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, articulando dimensões históricas, sociais, culturais e humanas, em consonância com as perspectivas críticas do currículo de SILVA TT (2023) e com as diretrizes da Educação Profissional e Tecnológica brasileira, que defendem a formação integral articulada ao trabalho, à ciência, à cultura e à tecnologia (BRASIL, 1996; CNE, 2021).

Nesse cenário, Schiavon ICA e Silvestre KVT (2021) trazem um panorama relevante ao analisarem a matriz curricular dos cursos técnicos em enfermagem da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Os autores demonstram que, embora as diretrizes nacionais apontem para uma formação integrada, o desenho curricular vivenciado ainda enfrenta obstáculos para superar o tecnicismo, expondo a distância entre a norma prescrita e a organização pedagógica que se efetiva nas instituições.

O currículo, nesse contexto, não apenas organiza conteúdos em blocos de disciplinas isoladas, mas expressa a intencionalidade de um projeto formativo institucional que deveria articular as dimensões técnicas e humanas do cuidado em saúde (SANT'ANNA IM, et al., 2007). Nesse processo, o estágio supervisionado ocupa posição central por possibilitar a aproximação direta dos estudantes aos cenários reais de prática em saúde. No entanto, o estágio

é tido como um espaço tensionado por condições estruturais e organizacionais precarizadas dos serviços de saúde públicos, o que revela sua natureza inerentemente contraditória entre a pretensão de uma formação crítica e as demandas eminentemente produtivas e aceleradas do serviço.

Além disso, o estágio supervisionado configura-se como um espaço de tensão entre as idealizações conceituais construídas pelos estudantes ao longo das aulas teóricas e a realidade concreta e fragmentada do trabalho em saúde. Leone NM e Leite YUF (2011) afirmam que “a gente não vai preparada para o aluno real”. Embora as autoras versem primordialmente sobre a formação docente, essa discussão se aplica perfeitamente para compreender que a distância entre a prescrição idealizada da formação e a realidade concreta também se manifesta na formação do técnico em enfermagem, especialmente quando a mediação pedagógica do enfermeiro supervisor não favorece uma leitura crítica e problematizadora dos cenários de prática, empurrando o aluno à mera repetição irrefletida de rotinas.

Essa fragilidade na mediação encontra explicação histórica nos achados de Moraes RS (2020), que evidenciam que os cursos de graduação em enfermagem moldam um perfil marcadamente assistencialista e gerencial, negligenciando o preparo didático-pedagógico para o exercício da docência.

Consequentemente, ao assumir a docência, o enfermeiro encontra-se pouco instrumentalizado pedagogicamente para desenvolver práticas formativas reflexivas e tende a reproduzir o modelo de formação que vivenciou, limitando-se a monitorar a execução instrumental dos procedimentos pelos estudantes (MORAES RS, 2020).

Tal contexto repercute diretamente na construção da identidade profissional do técnico em enfermagem, uma vez que essa identidade começa a ser gestada e internalizada ainda nas primeiras inserções nos cenários de trabalho em saúde (SERRA MN, 2008).

É justamente nesse cenário de vulnerabilidade que se aplica a crítica de Leone NM e Leite YUF (2011) à violência pedagógica institucionalizada. As autoras discutem a tendência histórica de naturalizar o sofrimento psíquico e o esgotamento do estudante sob o pretexto corporativo de que a opressão e o adoecimento seriam “ritos de passagem” obrigatórios da profissão (LEONE NM e LEITE YUF, 2011).

No caso do ensino técnico, essa naturalização da “toda profissão é assim” silencia a angústia do aluno frente à precariedade presente nas instituições públicas de saúde,

transformando o que deveria ser um processo de aprendizado mediado em um espaço de sobrevivência emocional.

Diante desse contexto, evidencia-se a necessidade premente de fortalecer a articulação entre instituições formadoras e serviços de saúde, para mitigar o abismo existente.

Nessa engrenagem, Oguisso T e Freitas GF (2016) desvelam uma contradição histórica na identidade da enfermagem: embora o cuidado seja reconhecido como a essência da profissão, as atividades de cuidado humano básico — delegadas ao corpo técnico — são historicamente invisibilizadas e socialmente desvalorizadas. Essa dinâmica consolida uma divisão técnica do trabalho em que as dimensões intelectuais são sobrevalorizadas em detrimento do ato de cuidar.

Essa assimetria é aprofundada pela persistente feminização da categoria, conforme discutem Lopes MJM e Leal SMC (2005), ao associarem historicamente o cuidar às virtudes domésticas e naturais do feminino. Os processos formativos e o “mercado de trabalho” tendem a naturalizar a submissão e a desvalorização do nível técnico, mascarando as qualificações reais desses profissionais sob o manto da abnegação.

Portanto, o estágio supervisionado deve resgatar o valor do cuidado humano na formação do técnico em enfermagem, integrando a técnica à sensibilidade ética, a fim de assegurar que esses sujeitos compreendam seu papel não como executores subordinados, mas como protagonistas da essência do cuidar.

Afinal, como sinalizam os autores, a busca por essa identidade profissional acrescenta sentido à vida e ao trabalho ultrapassando a dimensão puramente manual (Oguisso T e Freitas GF, 2016)

2. Currículo, poder e formação crítica

O Sistema Único de Saúde (SUS) requer profissionais dotados de autonomia, capazes de enfrentar os desafios reais e complexos. Nesse contexto, o currículo do curso desempenha um papel essencial na organização e na direção política dos processos de ensino-aprendizagem (ADAMY EK, 2023).

Dessa forma, Silva TT (2023) destaca que o currículo é um território profundamente atravessado por relações de poder, uma vez que toda seleção de conteúdos privilegia determinados saberes hegemônicos em detrimento de outros conhecimentos periféricos, não sendo, de forma alguma, um artefato neutro, mas sim um campo vivo de disputas ideológicas.

Para compreender a persistência do modelo tecnicista descrito anteriormente, é fundamental distinguir, conforme aponta Lima, I. N. (2023), entre o currículo formal — as prescrições, diretrizes e intenções pedagógicas — e o currículo real, que é o que efetivamente se materializa no cotidiano da formação e dos estágios. Enquanto o currículo formal pode prever a formação crítica, o currículo real muitas vezes se subordina às pressões institucionais e produtivistas, contestando a suposta neutralidade curricular. Essa descontinuidade revela que a neutralidade curricular é um mito pedagógico, sendo o currículo, em sua dimensão vivenciada, um espaço onde o poder e a hegemonia se impõem sobre as possibilidades de emancipação pedagógica.

Tomando como referência as teorias curriculares de Silva TT (2023), a análise da educação técnica-profissional em saúde evidencia disputas históricas entre diferentes racionalidades formativas. Nesse cenário, os estudos da área apontam para a predominância de currículos de caráter marcadamente tecnicista, organizados sob uma racionalidade instrumental rígida, com ênfase na execução de procedimentos e no “fazer técnico” desvinculado da reflexão política, o que tende a reduzir a formação do técnico de nível médio à dimensão operacional do cuidado (SOUZA RM, 2006).

Essa hegemonia do modelo tecnicista não é um fenômeno recente, mas uma marca estrutural cuja gênese histórica é desvelada por Galleguillos TG e Oliveira MA (2021). Ao resgatarem a evolução dos currículos de enfermagem no Brasil, as autoras demonstram que, embora a profissão tenha emergido com pretensões voltadas à saúde pública, sua formação consolidou-se sob a subordinação à prática médica e ao espaço hospitalar. Segundo as autoras, mesmo as tentativas de reformas curriculares mais recentes preservaram a fragmentação da prática pedagógica em especialidades clínicas própria da matriz flexneriana (GALLEGUILLOS TG e OLIVEIRA MA, 2021).

Os estudos curriculares contemporâneos reforçam as evidências da permanência crônica de características tecnicistas na Educação Profissional, materializadas na fragmentação curricular por disciplinas estanques e em uma lógica produtivista voltada às demandas imediatas do “mercado de trabalho” (AFONSO SR e CARVALHO MLM, 2020).

Tal perspectiva contrapõe-se ao pensamento de Saviani D (2011), ao compreender o trabalho como princípio educativo e defender uma formação omnilateral voltada para o mundo do trabalho, e não apenas para atender às exigências imediatas do mercado.

A crítica à formação técnica é corroborada por Menegarde M, Rodrigues RM e Conterno SFR (2024), os quais sustentam que o predomínio do adestramento procedimental sobre o pensamento autônomo fragiliza o perfil do trabalhador. Em consonância com esse diagnóstico estrutural, o estudo de Fioramonte GLN, Pinto AAM e Marin MJS (2023) traz a perspectiva do egresso: ao enfrentar a realidade do mundo do trabalho, esse profissional percebe a insuficiência da formação recebida, evidenciando lacunas que impedem uma atuação plena e reflexiva perante os desafios assistenciais.

Nessa direção, Azevedo ROM, Oliveira ES e Pantoja AMS (2019) discutem que a racionalidade produtiva e a Teoria do Capital Humano transformaram as instituições de ensino em extensões do modelo fabril, no qual se privilegia a padronização, o cumprimento cego de metas quantitativas e o adestramento para o trabalho operacional. Para os autores, a superação dessa lógica mercantilizada exige a defesa de uma formação humana integral e omnilateral, capaz de integrar trabalho, ciência e cultura, emancipando o estudante para que compreenda os fundamentos históricos e políticos do processo produtivo.

Essa necessidade de superação é corroborada por Santos ÚPP et al. (2021), que propõem um repensar da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) em enfermagem. Os autores advertem que os currículos técnicos precisam romper com o histórico papel de meros reprodutores de mão de obra alienada, promovendo uma formação crítica que instrumentalize o trabalhador para compreender-se como sujeito de direitos e como agente político de transformação social. No cenário do estágio técnico em enfermagem, essa provocação é urgente, visto que o estudante precisa ser resgatado da condição de mera engrenagem assistencial.

Esse processo de submissão se repete com intensidade no ambiente de estágio supervisionado, onde se reproduzem, frequentemente, sem questionamento, as hierarquias históricas e as divisões classistas do trabalho institucionalizado em saúde (SALUSTIANO CF, 2013).

Sob a perspectiva da sociologia das profissões, Machado MC (1999) adverte que essa complexa estratificação interna da equipe (enfermeiros, técnicos e auxiliares) gera um apagamento das fronteiras do saber, visto que, no imaginário social e na ótica do mercado assistencial, todos desempenham funções sobrepostas. Esse cenário obstaculiza a consolidação da autonomia da categoria e empurra o estudante técnico em enfermagem para uma disputa precarizada no mercado, na qual o nível médio é frequentemente utilizado como força de trabalho de menor custo econômico (MACHADO MC, 1999).

Essa realidade encontra também sustentação teórica nas formulações de Pires D (2009), ao demonstrar que a prática institucionalizada da enfermagem tendeu a reproduzir a fragmentação taylorista e a divisão social do trabalho capitalista, fracionando a profissão entre a concepção gerencial do enfermeiro e a execução delegada ao nível médio (PIRES D, 2009). No contexto da formação técnica em enfermagem, essa estrutura, ademais, tensiona significativamente a construção da identidade profissional crítica do estudante, que frequentemente internaliza uma posição de subordinação técnica em detrimento de sua autonomia enquanto sujeito crítico e reflexivo.

3. O estágio supervisionado como espaço de práxis

O estágio supervisionado constitui o espaço por excelência para a articulação entre teoria e prática. De acordo com a compreensão de Saviani D (2011), essa relação não se reduz à mera aplicação de conceitos, mas configura-se de forma dialética, na medida em que a prática transforma a teoria e esta, por sua vez, ilumina a ação. Na perspectiva freiriana, essa mediação necessária materializa-se na categoria de práxis, compreendida como ação-reflexão transformadora sobre o mundo (FREIRE P, 2005).

Nesse sentido, Pimenta SG e Lima MSL (2006) oferecem uma guinada epistemológica ao defenderem o estágio não como um apêndice curricular prático, mas como um autêntico campo de conhecimento e de atividade de pesquisa. Sob essa lente, a inserção do estudante no serviço de saúde deve se dar por meio de uma atitude investigativa (práxis), onde a teoria ilumina a leitura da realidade e a prática questiona os limites da própria teoria.

No ensino técnico, transmutar o estágio em um espaço de pesquisa significa instrumentalizar o aluno para que compreenda os determinantes do seu trabalho, deixando de ser um mero executor de rotinas para se tornar um sujeito reflexivo. Nesse processo, para Porto IS (2004), a construção da identidade profissional é tensionada por quatro dimensões interdependentes — a profissional, a do conhecimento, a da prática e a do afeto. O estágio supervisionado constitui, assim, o cenário em que essas dimensões se encontram e se confrontam simultaneamente, permitindo que o discente entrelace suas expectativas e visões idealizadas (dimensão do afeto) com a realidade concreta, muitas vezes marcada por rigidez institucional e precarização do trabalho em saúde (dimensões profissional e da prática).

Nesse sentido, o estágio supervisionado não se limita a um componente curricular obrigatório para fins de titulação, mas se configura como um espaço denso de socialização

profissional e de interpretação da realidade do trabalho em saúde, no qual os sujeitos não apenas vivenciam o cuidado prático, mas também o ressignificam continuamente, reconstruindo sentidos diante das tensões e frustrações do cotidiano (PORTO IS, 2006).

Nesse cenário de tensões, a identidade profissional não nasce pronta; é construída fundamentalmente nas interações cotidianas. Ao recorrer à metáfora das “passagens pelos espelhos” proposta por Oliveira BGRB (2006), compreende-se que a subjetividade do estudante é continuamente ressignificada diante dos desafios práticos do dia a dia nesse percurso integrador do currículo.

Nessa perspectiva, a construção identitária do técnico em enfermagem não ocorre de maneira linear, mansa ou isenta de desafios, envolvendo um emaranhado de inseguranças, medos e processos de adaptação forçada diante das exigências dos cenários de prática e do cuidado em saúde (SANTOS EF, 2005).

Tais experiências revelam que a formação profissional extrapola a aquisição de competências técnicas, abrangendo também um complexo processo de constituição de modos de pensar, agir e posicionar-se diante do trabalho em saúde. Sob essa ótica, o estágio supervisionado ultrapassa sua dimensão meramente instrumental e se configura como um importante espaço de socialização profissional, no qual o estudante passa a estabelecer contato direto com os valores, normas, relações de trabalho e culturas institucionais que permeiam o exercício da enfermagem (SANTOS EF, 2005).

É nesse movimento que o discente confronta expectativas construídas ao longo do processo formativo com as condições concretas encontradas nos cenários assistenciais, vivenciando tensões que atravessam sua compreensão sobre a profissão e sobre si mesmo como futuro trabalhador da saúde. As inseguranças e os conflitos emergentes desse processo, portanto, não podem ser reduzidos a dificuldades individuais de adaptação, mas devem ser compreendidos como manifestações das contradições existentes entre os princípios formativos defendidos pelas instituições de ensino e as condições concretas que estruturam o trabalho em saúde. É nesse terreno de tensões, negociações e ressignificações que a identidade profissional vai sendo construída, à medida que o estudante interpreta criticamente as experiências vividas e atribui sentido ao lugar que passa a ocupar no mundo do trabalho.

Portanto, o estágio deve deixar de ser um mero palco de repetição de rotinas para se configurar como um espaço de desconstrução e reconstrução identitária profissional. Se, conforme Santos EF (2005), é nos cenários de prática que os estudantes vivenciam as tensões,

os conflitos e as negociações que permeiam a constituição de sua identidade profissional, Oliveira BGRB (2006) amplia essa compreensão ao destacar a potencialidade educativa do estágio vinculada à mediação pedagógica desenvolvida pelo docente, capaz de transformar experiências marcadas pela reprodução de práticas e pela adaptação às rotinas institucionais em oportunidades de reflexão crítica.

Nesse contexto, as “passagens pelos espelhos” descritas por Oliveira BGRB (2006) representam movimentos de amadurecimento profissional nos quais o estudante não apenas aprende a atuar nos serviços de saúde, mas desenvolve condições para compreender criticamente a realidade vivenciada e construir formas mais autônomas de exercer o cuidado.

Assim, a socialização profissional descrita por Santos EF (2005) não se esgota na inserção do estudante na realidade concreta do mundo do trabalho, mas encontra na mediação pedagógica um dos elementos fundamentais para que as tensões e contradições inerentes a esse processo sejam ressignificadas e incorporadas à formação ética, crítica e emancipatória do futuro técnico em enfermagem.

CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas neste estudo evidenciam que a formação técnica em enfermagem ultrapassa a dimensão instrumental da aprendizagem de procedimentos, configurando-se como um processo atravessado por disputas curriculares, relações de poder, contradições históricas e processos de construção identitária. Nesse percurso, o estágio supervisionado emerge não apenas como componente curricular obrigatório, mas também como espaço privilegiado de socialização profissional, no qual os estudantes entram em contato direto com as tensões concretas do trabalho em saúde e passam a ressignificar sua própria inserção na enfermagem.

A análise do referencial teórico permitiu compreender que os currículos da Educação Profissional Técnica em Enfermagem ainda permanecem fortemente marcados por racionalidades tecnicistas, hospitalocêntricas e produtivistas, historicamente vinculadas à divisão social e técnica do trabalho em saúde. Tal lógica reduz frequentemente a formação do técnico em enfermagem à reprodução mecânica de procedimentos e à adaptação passiva às demandas imediatas do mercado assistencial, fragilizando processos de autonomia intelectual, criticidade e formação humana integral.

Nesse contexto, o estágio supervisionado revela-se um território contraditório. Ao mesmo tempo em que possibilita a aproximação concreta ao cuidado e à realidade do SUS, também expõe o estudante às precarizações institucionais, às hierarquias cristalizadas e à naturalização histórica da subalternização do trabalho técnico. Essas experiências atravessam diretamente a constituição da identidade profissional do futuro técnico em enfermagem, produzindo repercussões éticas, subjetivas e políticas que influenciam a forma como o estudante compreende o cuidado, interpreta as relações de poder presentes no trabalho em saúde e constrói sua própria inserção profissional.

Entretanto, as discussões aqui apresentadas também evidenciam que o estágio supervisionado pode constituir um espaço potente de práxis transformadora quando mediado por uma perspectiva crítica de formação. Sob essa ótica, a articulação entre teoria e prática deixa de assumir um caráter meramente aplicativo e passa a configurar-se como um movimento dialético de reflexão sobre a realidade concreta do trabalho em saúde. Nessa perspectiva, a experiência formativa possibilita que o estudante atribua novos significados ao cuidado, às relações de trabalho e ao seu próprio processo de constituição profissional.

Defende-se, portanto, a necessidade de fortalecer currículos comprometidos com a formação humana integral, capazes de integrar trabalho, ciência, cultura, ética e cuidado, superando as perspectivas fragmentadas e estritamente mercadológicas da Educação Profissional Técnica. Mais do que formar mão de obra para responder às exigências imediatas dos serviços, torna-se fundamental formar sujeitos críticos que compreendam o cuidado como prática humana, social e política.

Conclui-se que a construção da identidade profissional do técnico em enfermagem não ocorre de maneira neutra, mas é permanentemente produzida na articulação entre currículo, estágio, trabalho e cuidado. A originalidade deste estudo reside em identificar, no estágio supervisionado, uma zona de tensão dialética: ele opera, simultaneamente, como mecanismo de adaptação à lógica tecnicista do mercado — que historicamente impõe uma identidade submissa — e como espaço potencial de ruptura.

Para romper com esse ciclo de formação instrumental, o estágio precisa ser ressignificado de um ambiente de reprodução de paradigmas para um território de práxis crítica. Contudo, essa transformação transcende a atuação docente isolada; ela exige um movimento coletivo e interestitucional, consubstanciado em acordos de cooperação sólidos entre instituições formadoras e serviços de saúde, além de uma atuação estratégica das entidades representativas

da categoria. É por meio dessa parceria entre todos os atores comprometidos com a responsabilidade social que será possível formar sujeitos que ocupem o SUS não como meros executores de rotinas, mas como agentes de transformação, capazes de romper com a histórica subalternidade e assegurar o protagonismo do técnico em enfermagem.

Nesse sentido, embora este trabalho ofereça uma síntese teórica necessária, abre-se caminho para futuras investigações de campo que analisem, em contextos concretos de formação — especialmente no Distrito Federal — como o processo de construção da identidade profissional se materializa na práxis cotidiana do estágio, considerando as tensões e os acordos de cooperação aqui discutidos.

AGRADECIMENTO E FINANCIAMENTO

Este estudo foi desenvolvido com apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF), por meio de concessão de bolsa de mestrado.

REFERÊNCIAS

1. ADAMY EK, CUBAS MR. Os sentidos da inovação tecnológica no ensino e na prática do cuidado em enfermagem: reflexões do 18º SENADEN e 15º SINADEN. In: O PANORAMA nacional da formação em enfermagem: diretrizes curriculares nacionais da formação técnica e da graduação. Brasília: Editora Aben, 2023. p. 74.
2. AFONSO SR, CARVALHO, MLM (2020). Estudos sobre currículo de enfermagem na educação profissional. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, 2020; 1(19).
3. AZEVEDO ROM, OLIVEIRA ES, PANTOJA AMS. A superação do tecnicismo em uma perspectiva de formação humana integral na educação profissional e tecnológica. *Revista Intersaberes*, 2019; 14(31): 120-138.
4. BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
5. CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). *Enfermagem em Números*. Brasília: COFEN, 2026.
6. FIORAMONTE GLN, PINTO AAM, MARIN MJS. Percepção de egressos sobre a formação do técnico de enfermagem. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, 2023; 1(24).
7. FREIRE P. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

8. GALLEGUILLOS TG, OLIVEIRA MA. Identidade profissional e sofrimento no trabalho da enfermagem: uma reflexão necessária. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 2021; 55: 1-9.
9. LEONE NMZD, LEITE YUF. “A gente não vai preparada para o aluno real”: o sofrimento na inserção profissional docente. *Revista Triângulo*, 2011; 4(2): 111-125.
10. LIMA IN. Modalidades do currículo: currículo formal x currículo real – concepções e características em sua construção. *Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem*, 2023; 5: 229-241.
11. LOPES MJM, LEAL SMC. A feminização persistente na qualificação da enfermagem brasileira. *Cadernos Pagu*, 2005; (24): 105-125.
12. MACHADO MC. Trabalho e educação profissional: as contradições do modelo atual. *Revista Brasileira de Educação*, 1999; (11): 23-37.
13. MENEGARDE M, RODRIGUES RM, CONTERNO SFR. Avaliação da formação no curso técnico em enfermagem: a percepção dos discentes. *Educação em Revista*, 2024; 40: e37629.
14. MORAES RS. A formação profissional do enfermeiro docente. *Revista Científica Multidisciplinar*, 2020; 5(6): 72-82.
15. OGUISSO T, FREITAS GF. Cuidado: essência da identidade profissional. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 2016; 50(2): 188-193.
16. OLIVEIRA BGRB. A passagem pelos espelhos: a construção da identidade profissional da enfermeira. *Texto & Contexto Enfermagem*, 2006; 15(1): 60-67.
17. PIMENTA SG, LIMA MSL. Estágio e docência: diferentes concepções. *Revista Poiesis*, 2005/2006; 3(3-4): 5-24.
18. PIRES D. A enfermagem enquanto disciplina, profissão e trabalho. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2009; 62(5): 739-744.
19. PORTO IS. Identidade da enfermagem. *Escola Anna Nery*, 2004; 8(1): 111-117.
20. SALUSTIANO CF. As diretrizes curriculares nacionais e a divisão técnica e social do trabalho em enfermagem. *Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa*, 2013; 145 p.
21. SANINO GEC. O uso da simulação em enfermagem no curso técnico de enfermagem. *Journal of Health Informatics*, 2012; 4(esp): 114-119.
22. SANT'ANNA IM, et al. Currículo e formação em enfermagem: desafios contemporâneos. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2007; 60(2): 203-207.

23. SANTOS EF. A enfermagem no espelho: suas concepções sobre a profissão, a formação, a prática profissional e as especialidades. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
24. SANTOS LSC, OLIVEIRA BKF, WATANABE M. Wanda de Aguiar Horta: revisão histórica e influência científica no período de consolidação da enfermagem como ciência no Brasil, 1960 a 1999. *Research, Society and Development*, 2022; 11(12): 1-10.
25. SANTOS ÚPP, et al. Um repensar sobre a formação do técnico de enfermagem. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, 2021; 1(21): 1-12.
26. SAVIANI D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. Campinas: Autores Associados, 2011.
27. SCHIAVON ICA, SILVESTRE KVT. Panorama atual da matriz curricular dos cursos técnicos de enfermagem da rede federal de educação. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, 2021; 2(20): e11961.
28. SERRA MN. Aprender a ser enfermeiro: identidade profissional em estudantes de enfermagem. *Sísifo – Revista de Ciências da Educação*, 2008; (5): 69-80.
29. SILVA TT. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.
30. SOUZA MC. Formação técnica em enfermagem e racionalidade instrumental. *Revista de Educação em Saúde*, 2006; 4(2): 45-58.